



«O melro, eu conheci-o»
 «Repicando umas finas ironias»
 «Cantava, assobiava alegremente!»
 «Em cima do seu velho chapéu alto.»
 «Comendo alegremente, honradamente.»
 «Dão-me cabo de tudo destes ladrões!»
 «Como éle é melro e sabe assobiar!»

(Com licença do autor)

EDITOR: Luís Teixeira.

PESSOAL CÁ DO ESCRITÓRIO:

Oscar Dinis, | Augusto Serra e Costa,
 Júlio de Meireles Noronha, | António Pinto de Carvalho.

Redacção e Administração: RUA RIAS MONIS, 99

Composta e impressa na Pap., Tip. e oficina de Enc. de F. José de Freitas, Teural, 128 e 129

Propriedade Societária de "O MELRO,, = Quinzenário humorístico e literário

À D. AURORA

Muito bem! Mesmo muitíssimo bem! Vocência desta vez apresentou-se muito chique, muito elegante, com requintado bom gosto e mostrando-se rialmente como quem é.

Assim, sim.

Assim é que é, e não como no penúltimo número, em que por um descuido ou precipitação, apareceu em fralda de camisa e chinelos de ourêlo...

Mas o que lá vai, lá vai; *aguas passadas não moem moinhos* e vocência deu as mãos à *santa Luzia*, o que prova que, apesar da sua pouca idade, já sabe prestar homenagem ao brio e render culto à dignidade.

A sua última *toilette* foi

confeccionada nos *aleliers* da delicadeza, frequentados pelas pessoas de bem e do bom tom.

Será feliz e terá *longa vida* porque possui nobres sentimentos e sabe vestir-se ao rigor da moda e... da decência.

Digamos, ainda, e para bem da verdade, que não nos causou a menor surpresa o último proceder de quem está encarregado de *tocar o orgão* dos estudantes *vimaranenses*, que, embora tenham o direito de fazer espírito e *blague*, o que é próprio de gente moça, não o teem, todavia, para abusar e esquecer que aos filhos de Minerva compete, mais do que a nenhuns outros, serem *gentis*, generosos e delicados,

Emendaram-se a tempo, felizmente.

Os nossos sinceros parabens e as nossas mais vivas simpatias, pois; e com êles e com elas um formidável amplexo e uma repenicadíssima beijoca.

O quê?! Hom'essa agora!

Então vocência tem repugnância de mim?! De mim, que me prezo de não ter escorbuto e que todos os dias—*logo de manhã cedo*—tenho o cuidado de perfumar o bico com essências inebriantes?!

E' extraordinário!!

E' preciso que vocência saiba que há melros asseados e que se podem beijar.

Qual porcaria, nem qual cabaçal... Vocência sabe o que é um beijo?

Não sabe, pois não? Eu lho digo: Um beijo

é... é... Ora o que diabo é um beijo?! Ah!... Um beijo, gentil *mademoiselle*, é sinal de afeição é símbolo de paz; um beijo, senhora D. *Aurora*, é tudo que sorri e canta; um beijo, minha rica menina, é riso inocente que traduz amor... E eu amo-a! Adoro-a! Mas amo-a e adoro-a cá de dentro, daqui, do coração. Ouviu?

Estou o que se chama prêso pelo biquinho; por este biquinho amarelinho que só abre as *válvulas* para assobiar suavíssimas canções de amor.

Isto não é lirismo, não; é a expressão sincera do meu verdadeiro sertir...

Valha-me Deus, D. *Aurora*! Mas... pejo de quê?!

Ora deixe-se dessas coisas!... A pudicícia, que é positivamente uma virtude, em *certas ocasiões* não tem razão de ser... E, àlêm disso, ninguém me pode impedir de amar e, até, quem sabe, de querer ligar o meu destino ao seu!

Pode acreditar que se lhe faço assim esta declaração à queima-roupa, é porque é para o bom fim... Não sou enganador, não!

Vamos, nada de pieguices...

*Beijo na face
Pede-se e dá-se.*

E o que tem isso?!... Que importa que escutem o chilrear dum beijo?!

E' por-ventura crime ou é pecado?! Não! E' o que é mais natural! Um beijo, ou um ósculo, dizem os poetas, e dizem muito bem, é aragem santa que acalenta a dôr!...

E a dar-lhe sempre na mesma! Deixe falar quem fala...

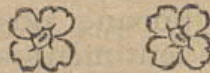
*O mundo ralha tudo
Tenha ou não tenha razão...*

Não se faz caso... ouvidos de mercador...

Honny soi qui mal y pense...

Vá, meu amor! Meu anjo! Meu querubim! Minha pomba de leque! *Vamos construir a nossa casa num bonito lugar!...*

*O' minha caroboo,
È's tu a minha paixão
Dou-le o meu coração!
Para mim só tu
Minha caraboo!*



Perguntas inofensivas

—Porque é que quasi todos os *grandes homens* da República usam pera?

—E porque quasi todos os elegantes cara rapada?

—Como foi que alguns republicanos se arranjaram?

—O que é que os monarquicos querem?

—Qual é a melhor lei da República?

—Aonde param os melhores livros da Sociedade M. S.?

Quem responder mais acertadamente a estas inofensivas perguntas terá como prêmio um maçapão, fino de fino doce,

UM "RATO,, DE VELA NA MÃO

Eu cá estou sempre pronto
P'ra velinha pôr a arder
E se tenho alguns "pontos,,
Não é preciso acender.

Quando vem uma beata
Das tais que beijam o chão
A correr como uma gata
Eu busco o padre João.

E se ela é bela e esguia
Das que quadram num andor
Ai! meto-a na sacristia
E faço de confessor.

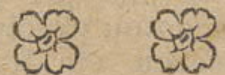
Se vem velha ou se vem gorda
Das de careta escamada
Vou logo agarrar-me à corda
E toco uma... badalada.

Isto não deve acabar
Deixemo-nos cá de tretas
Se se poem a rezar...
Eu fico a limpar galhetas.

Quando vejo algum beato
Com cara d'almofariz.
Gosto de dar um sopapo
Naquilo que se não diz.

Esta vida é de pagode
Bons bocados mesmo à vista
Basta rapar o bigode
P'ra se fazer um sacrista.

BOBY.



Declaramos perante o público que nos lê, que o sr. José Luís Ferreira não é o auctor das caricaturas que aqui se publicam, nem tampouco pertence ao corpo redatorial desta publicação.

OS DO ESCRITÓRIO.

Cerrando os olhos



I

IV

—Eu cá estou; e, na verdade,
Conhecido na cidade
Como antigo militar,
Nas politicas entrei
E meu *casacão* virei,
Conforme o meu paladar...

III

Desgostoso de aqui estar
Até Braga fui parar
A conseguir novos cães;
Que gosto de cachorrinhos,
Dos grandes e pequeninhos
Como os tive em Guimarães.

II

Já fui, também, engenheiro,
Revoltoso do *Janeiro*,
Das Leis perito — um louvado;—
Mas não sei porque razão
Que era na povoação
Por todos abandonado!?

Amante da geologia, / *Zoologia*
Hei de fundar qualquer dia
Um canil todo bem posto
P'ra recolher os bichinhos,
Coitadinhos!
Tratando-os com todo o gôsto.

V

Os cãesinhos a ladrar!
Que sons não deve dar
Toda aquela sinfonia:
Ao Sol, à porta ladrando...
À Lua, co'a *gana* uivando...
Que *gaitadas* de arrelia!!!

ANÚNCIO

Rapaz assim assim, tente não caias,
lib'ral, honrado e serio entre os mais serios,
deixado do dandismo d'outros faias
por temer certos vicios deletérios;

De cabeleira preta, olhos castanhos,
boiando sobre um lago de tristeza
á busca de prazeres mais extranhos
que aqueles que criou a natureza

Tendo corrido os cantos das aldeias
sem encontrar senão meninas feias
que o queriam caçar de habilidade,

E querendo sonhar novos ideais,
P'ra dormir socegado um mês ou mais,
recomenda-se às damas da cidade.

TIRTEU.

Pelo monóculo do "sôr., doutor

O que se Observa:

(No jornal "Aurora Acadêmica,,).

Um artigo a dizer que a geração acadêmica de hoje, será a diplomacia de amanhã.

Não há duvida; estou mesmo a vêr cair em diplomatas os estudantes cá do Liceu que fazem a parte humorística do jornal-acadêmico.

A "Declaração Vonvastica,,.

Era motivo, para que o auctor levasse uma sovasinha.

As "Saudades, cruéis saudades,, etc.,

As "Impressões,, (estilo realista).

Nada percebemos; é humorístico ou literário êsse artigo?...

A secção "Diz-se,, a desdizer-se.

(No "Comércio de Guimarães,,).

Os constantes insultos ao Tónio Zé, Ligório, etc.

Eles, os escribas do mesmo, a dizerem que darão todo o seu sangue para restaurar a bicha, os mesmos que em Chaves e por essas fronteiras fôra deram..... o sangue dos seus cavalos e de alguns campônios que coitados...

Eles a chamarem piratas aos políticos republicanos.

Tenham cautela que lhes não apareçam ali pelo Selho em botes ou jangadas,

(Em toda a parte).

A falta do badalo num sino da Oliveira.

A pasta do presidente cá disto que brevemente será posta em hásta publica.

A formiga azul e branca.

A nomeação da Comissão Administrativa há tanto tempo anseada pelos seus afeiçoados.

A Associação Artística transformada em Centro Monárquico.

O "Trabalho de Guimarães,, e a sua nova empresa.

Os escribas Monte e Toribio degladiando-se.

As piadas insensas do "Espião,,.

Os pimentões do artigo de fund... ilhos.

A grande quantidade de gralhas no nosso quinzenário: as que hão de vir...

A necessidade de um numero especial para as emendar.

Também a empresa do Melro em alguma coisa havia de ser rica. Ai não!

As ameaças do sôr Pireira dos pêndulos.

Com a sua respeitável e inseparável moça já rachou dois lampianistas. Irrá! que é valente.

Descance, mensinho; já cá canta!

Sim senhor... devagar se vai ao longe.

Os 5555 sócios pirangulescos. Caspitê! Nem o centro monárquico de Guimarães atinge tal numero!

Os republicanos de pera; os monárquicos de pera.

Abençoada P'reira que tais frutos dá!

Os efeitos do Rato Azul, no D. Afonso: ainda dizem que há pudor, Isso há êle!!

O Espião entrevistando a miséria que grassa na cidade. Nem são respeitadas a desgraça, a fome e a velhice.

Já é!

O concurso policial a terminar neste mês. Documentos necessários: que saibam beber bem; que sejam tímidos; que não saibam lêr; que não tenham educação; que frequentem o lupanar e as tabernas; que saibam dar às de Vila Diogo; e, finalmente, que não policiem quer de noite, quer de dia, as ruas cá do burgo.

A vintêm! a vintêm! é entrar... é entrar... em frente ao largo do liceu.

O sr. Vieira, senador, fazendo parte da nova comissão camarária. Democrático, Evolucionista e Monárquico—pau p'ra toda a colher...

Gemidos da nossa lira

(Trovas oferecidas ao nosso poético povo)

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferri-nhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantora tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vae a festa... Clave de sol: tom menor...)

IX

Vi cair estrélas de oiro
E formei logo um desejo:
Se elas caíssem na terra
Levava-as ao *Costa Queijo*...

X

Pedi o filho ao pai
Alto emprêgo de dinheiro;
O pai atende o pedido
E põe o filho a sineiro,

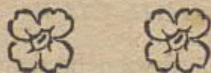
XI

Esta noite sonhei eu
Que te estava dando beijos;
E qual foi o meu desgosto
Ao beijar só percevejos...

XII

Eu já vi nascer o Sol
E já vi morrer a Lua,
E já vi homens andar
Com quatro patas, na rua...

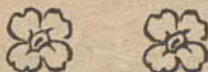
(CONTINUA.)



O MELRO encontra-se à venda, no Kiosque do sr. Torquato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

EM FOCO:

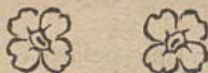
Devido a um desarranjo na máquina onde é impresso *O Melro*, quebrou a zincogravura dum dos perfilados deste número, motivo porque não se publica hoje esta secção. Esperando fazê-lo no próximo número, pedimos desculpa aos nossos leitores desta falta, aliás involuntária.

Resando oitavas:

III

Ensina as criancinhas o Godinho,
Com arte com amor e com bondade,
Apesar do *diabo-colarinho*,
Que para êle é constante infel'cidade;
Mas êle sofre sempre, coitadinho,
Obedecendo à lei da divindade,
Que manda receber sem 'scamação,
Os desgostos do nosso coração!

SOISAS.



AVISO

Previnem-se os Snrs. assinantes que, para efeito da cobrança, só são válidos os recibos que levem no verso o carimbo da casa comercial ANGEL LOBATO.

Aos presados leitores lembramos, que devido a haver muitos pedidos de exemplares em papel *cachê*, para coleccionar, êstes se vendem ao preço de \$05, devendo os pretendentes avisar esta redacção com antecedência.

Coisas novas e velhas,
leves e pesadasUma só coisa

Franquezinha, franca, muitas vezes *chrismam* (indo contra os ritos católicos) com cada epíteto facteto os nossos *homes* das altas *politegas* que é da gente meter o fura-bolos na boca e mordê-lo todo de contentamento.

Ah! Ah! Ah!

Muitas vezes até a gente *se intala!* O Bernardino passou a ser o Capoeira ou o capoeiro; o Afonso, êsse, coitado, é o mais visado: chamam-lhe o *Ligório*, *Pantomónio*, *Rabolório*, mas cá para nós, abrindo mesmo aqui um parêntesis, é o mais finório, isso é que é; ao que veio lá das Françaes chamam-lhe o mulato; ao heroi chamam-lhe o Rotunda, Rotundo ou não sei quê; e ao sr. Almeida, uma gazeta cá da terra, chama-lhe o António Pacóvio de Almeida.

Ora bolas, sr.^a gazeta. Desculpe, mas não foi feliz.

Tenha paciência; chame-lhe tudo que quizer, tudo, tudo, mas Pacóvio, isso não.

E quer saber porque não?

Porque é caso para o sr. Almeida fazer um gesto muito feio, mas expressivo, pondo os braços em atitude *franciscana* e comentar ironicamente:

Pacóvio, eu, quando tantos pacóvios, ... ah! ah! ah!

Já vê que não é lá grande alcunha.

O homem ri-se, leva o caso para o cómico e principia a *chuchar*. Principiando comicamente a *chuchar*, a gente toma logo posições dramáticas e o caso pode terminar por tragédia.

Portanto, venha outra alcunha, e queira perdoar o meu *atrevido atrevimento*.

AVA,

Plebiscistos de "O Melro,"

(Secção quinzenal)

O QUE É O HOMEM?

O QUE É O HOMEM?

(Ao mimoso poeta
Rufino Esteves).

Todo o homem, quando se sabe guiar pelo caminho do dever e da honra, é para nós, mulheres, o sacrário aonde religiosamente depositamos o verdejante feixe das esperanças que, como as lágrimas nos desfolham a alma.

L...

O HOMEM...

Ele é da roseira o pé,
Que suspende bela flôr—
A mulher,—eterno amor,
Cheio de carinho e Fé...

Sem homem viver seria,
Uma perfeita ilusão,
Até a Virgem Maria,
Procurou uma união,

E' pózinho delicado,
Deve trazer-se guardado,
Numa caixa com arminho,

Mas é preciso cuidado,
E' um tanto endiabrado...
Mas p'ra cá vem de carrinhol...

MARILIA.

O QUE É O HOMEM?

O homem quando nos faz todas as vontadinhas é um anjo!

O homem sendo um doutor, ou um militar graduado é maná celestial para uma menina casadoira.

O homem quando sabe namorar bem é ente mais doce e simpático que existe.

O homem como estudante é um *pelintra* engraçado.

O homem cabeçudo é um desconsôlo, um abôrto.

LILI.

O QUE É O HOMEM?

O homem, como policia é uma besta quadrada.

O homem, ou para melhor, os homens são as vítimas das mulheres tais são os desgostos que elas lhes instigem: uns, quando as mulheres lhes pedem vestidos e chapéus em abundância pucham pelo cabelo e eis a rasão porque muito cedo ficam carecas; outros, endoidecem ao zum-zum cotidiano das sogras; outros ainda, são tão infelizes que atraícoados pelas mulheres se enforcam.

UMA VÍTIMA.

O QUE É O HOMEM?

O homem p'ra ser homem deve ser homem.

O homem como politico é...é... um *bandarilheiro*.

O homem é a pessoa mais perfeita que eu conheço.

O homem como *bombeiro* é um formigão.

SOBRAS.

O QUE É O BEIJO?

A todas as pessoas pedimos os seus pareceres, que serão publicados no próximo número do nosso jornal.

Quentes e frias

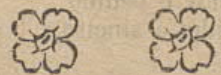
Agarro nela na mão
E ponho-a aqui, ao meu lado:
—*Meninas, quentes e grandes...*
Pois não é por devoção
Que ando sempre neste fado.

Trago o paninho a abafal-as,
Andam sempre abafadinhas...
—*Meninas, quentes e grandes...*
São estas as minhas falas
Sempre que saio às tardinhas.

Eu corro todas as ruas,
Jardins, praças e vielas:
—*Meninas, quentes e grandes...*
Todos dizem que estão cruas,
Ninguêem compra um vintem delas.

Fraca sorte, fraca sorte
D'andar com ela na mão...
—*Meninas, quentes e grandes...*
Poe-me na hora da morte
Tanto pêso e esquentação.

BOBY.

Palcos & SalasCines:CHANTECLER

Hoje, a 4.^a série da película sensacional:

ROCAMBOLEHIGH-LIFE

Hoje, 25, o soberbo drama em 4 partes da "SERIE D'OURO,":

CONDESSA LOUCA

Tira-teimas

⌘

Abafar—O que o Pimenta de Castro quer fazer aos adiantamentos.

Abaixamento—(de temperatura)—O que aconteceu ao partido democrático.

Abaixo—O que se costumava dizer em sessões parlamentares.

Abalado—Como ficou o Afonso Costa, apoz a subida ao poder do general Castro.

Abalou—O que fez o Afonso Costa, depois da sessão no Politeama.

Abanadela—Aquele scena de pugilato, no café do Zé Maria.

Abanador—Ventarola usada pelas senhoras, nas corridas de toiros.

Abananado—Como ficou o Mariano com o decreto da dissolução das Câmaras.

Abancado—O que o partido democrático estava a fazer do Governo.

Abandono—O estado em que está tudo isto.

Abantesma—Uma criatura muito feia a que chamam "poltica",.

Abatido—Como anda agora o partido democrático.

Abdicar—O que queria fazer o Machado dos Santos, mas que ninguém tomou a sério.

Abertura—Porta por onde entra e sai um menino muito pequenino.

(CONTINUA).



Em noites de luar

Ao pálido clarão da rósea alvorada, a cumiada da serra achava-se coberta de orvalho, que o Sol dentro em pouco ia tentar desfazer.

Luisa acordou em seu leito de finas rendas, espreguiçou-se e, lançando a vista ainda turva para o despertador, admirou-se de ter acordado já.

Todavia saltou fora da cama, vestiu a sua elegante *matinée*, e abrindo a janela do seu quarto, debruçou-se no peitoril para aspirar o ar puro.

Luisa era a ingenuidade personificada.

Vivera sempre muito recatada, naquella modesta casita da aldeia, longe do bulfício da cidade.

Várias vezes vinha a esta, porque a aldeia era pouco distante, e então regalava-se de ir ao *cinema*.

.....

Duas horas!...

Noite escura como brêu! Apenas dois vultos caminham pela estrada, conversando em voz baixa.

Era a ingénua Luisa que regressava com sua mãe duma das récitas—Maridos Alegres—no novo teatro em Braga.

Luisa, dizia:

—Mas não compreendo, mamã, o que quer dizer com isso!?

—Pois minha filha, já tens dezoito anos e precisas de olhar para o futuro; eu prometi que te arranjará um bom marido...

—Mas explique-se mamã. O que é um marido?

—O que é? Pois tu não sabes ainda?

E' um cofre aberto para te pagar todos os teus vestidos, joias, passeios e camarotes como o de hoje no teatro.

Luisa ao ouvir a última palavra arrebou o nariz e respondeu resoluta:

—Pois bem, mamã. Arranje-me um marido o mais breve possível. Preciso ir vêr o *Burro*...

TIMÓTIO.



GAROTICE

Foi realmente uma garotice, pois outro nome não tem, nem pode ter, a partida que o sr. Gomes Couto, (La Croix) fez aos jovens e inespicientes redactores da *Aurora Académica*.

Não espantamos, nem tão pouco ficamos surpreendidos porque já sabemos ha muito que o sr. Couto tem uma *falhinha*, ou seja uma aduela a menos, pois ainda conservamos na memória aquella que êle fez o ano passado, quando mandou para o *Ecos do Minho*, jornal de que por descuido foi correspondente, que uma candida senhora deixára o marido todo rôto, com uma valente *sova* que lhe dêra,

Ora isto bastava para definir o sr. Couto. Sim, quem tem a cabeça no seu lugar era incapaz de mandar dizer uma coisa daquelas para um jornal e, de mais a mais sendo uma tremendissima brucha.

Couto não toma, nem a moca, apesar de já lhe ter entrado no cospansil a formiga banca de luvas pretas...

Quereis saber do que êle precisava, rapazes?

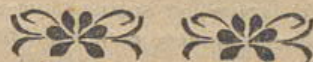
Olhae se adivinhaes.

Que lhe dessem tantas, tantas naquele *celofolio* até lh'o porem como um bife à inglesa.

Não, meninos. Isso era muito forte... nem tanto ao mar nem tanto à terra.

Deixai ver se a Senhora Sant'Ana faz um milagre... Do contrário precisa de entrar no pantheon de Rilha... aquilo que os burros dos moleiros trazem ao lombo por cima da albarda.

Apoiado!



Referências ao nosso cantador:

"O Melro," Voltou a publicar-se em Guimarães êste engraçado quinzenário, fazendo parte da sua direcção os srs. Luís Teixeira Jacintho e Leão Martins.

Apresenta-se com um-novo aspecto. Prosperidades e muito espirito é o que lhe desejamos apesar da quadra não ir agradável para haver boa disposição para estas coisas.

(De «O Braçoarense» de Braga).

"O Melro," Reapareceu com piada fina êste nosso colega que, devido a uma enfermidade, esteve no ninho alguns meses.

Restabelecido, agora, êle logo de manhã cedo, aos domingos, canta maraviosamente. Em formato de revista, consideravelmente melhorado, com os retratos dos perfilados e engraçadas caricaturas, êle provoca, na verdade, o riso a toda a gente. Agradecemos a visita, desejando-lhe uma vida prolongada, com um abraço ao pessoal *lê* do escritório.

(Do «Trabalho de Guimarães»).

(CONTINUA).

—O Melro agradece: obrigado.

SECÇÃO LITERÁRIA

A PRIMAVERA

CHEGOU a encantadora Primavera a rainha graciosa e louca, pródiga e feliz, divertida e caprichosa.

Chegou a consolação às almas, a alegria aos corações, a felicidade à terra e a seiva às árvores.

Cada primavera que chega é uma nova recordação que surge, é uma nova asperança que vibra, é uma nova alma que canta, é uma nova vida que principia.

Tudo tem côr e harmonia, belêsa e encanto!

As flores, as dilectas filhas da primavera, quando sentem o afago quente dos beijos demorados e puros, — beijos de carícia e de amor, de afago e de perdão — dêsse sol radiante que a primavera traz em sua companhia, abrem os pequeninos lábios em sorriso num agradecimento franco, com tanta bondade e ternura como as inocentes criancinhas abrem seus finos lábios ao sentirem-se acariciadas por quentes afagos de mães carinhosas.

Assim graciosas, de lábios abertos, fracas nas suas pequeninas hastes, sempre tremendo de medo, nós as vemos, aqui, adornando um outeirinho claro em pespontos alourados, acolá, salpicando um vergel dum verde aveludado num fresco matiz de púrpura e oiro.

As borboletas saltitam em doida alegria!

Vistas ao longe, as borboletas, são pequeninas manchas irisadas que fogem como que levadas pela brisa primaveril, que vai entoando hinários festivos, e levando de passagem perfumes de confiança a todos os corações e o polen doce da bondade a todos os lábios.

Quando pousadas em branca rosa, parecem sugar um leite puro; quando pousadas em cravo encarnado parecem beber um sangue muito vivo.

Por isso elas são lindas!

Lindas, porque são filhas das rosas e dos cravos!

Um dia de primavera!

Quantas saudades desperta, quantos desiludidos anima!

Manhã de primavera!

Ao dealbar, quando o sol indolente, frouxo, fraco, irrompe a custo por detraz das serranias altas e asperas e se despenha em espreguiçamentos custosos pelas lombadas escuras dos montes, quantas alegrias se espalham, quantas satisfações nascem!

Em manhãs de primavera, os gorjeios dos passaros são ensaios sinceros de ledos namorados; os cantos perdidos que de longe se veem quebrando pelas encostas, são hosanas de vitória erguidos a Deus por quem se julga feliz; os murmúrios velados das azenhas são conficções ternas que traduzem pureza.

Cada manhã que desponta é um poema novo que se abre, é um arraial que se povoa e uma festa alegre que principia.

Tudo trabalha, tudo canta, tudo ri, tudo vive, tudo explende numa irradiação festiva.

Os cantos das ceifadeiras são hinos de amor; os sorrisos das crianças são esperanças que cantam e os beijos que cantam nesses pequeninos lábios de criança sobem ao ar como que transformados em perfumes embriagantes.

Beijos de perfume, cantos de amor, sorrisos de bondade, só em manhãs de primavera!

É uma tarde de primavera!

Quando o sol vai de retirada subindo vagarosamente pelos pousios, e a tarde desaparece no escuro acizentado do crepúsculo, quantas recordações fogem, quantas saudades voam!

Então, ao bater das trindades, quando pelos balados morrem as ultimas tonadilhas num expirar dolente de melancolia, quando o fumo branco principia a sair das bocas estreitas das chaminés e vem como que incensar as humildes capelinhas que dormem socegadas num repouso feliz, sobem até Deus num murmúrio de resa doces preces de reconhecimento e de perdão!

Sobem preces e descem bençãos.

Tardes de Primavera! Tardes de doce encanto! Tardes de harmonia viva! Tardes de segredos de mistérios e de resas!

Primavera!

A. V.

Sonho que mente

Um dia reparei no teu olhar
Tam meigo, carinhoso sedutor,
E o teu olhar alegre, todo amor,
Meus olhos, de tristeza, fez chorar.

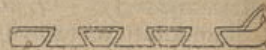
E' que os teus olhos dizem que has de ser
Com alma, imensamente, com arde
Que has de sentir, que has de morrer da
Se a última ilusão se desfolhar!

E os teus olhos que encantam toda a gente
Que riem de ventura e de alegria,
Desiludidos, chorarão por fim.

Despreza o sonho, porque o sonho mente
Esse sonho d'amor que te inebria
Far-te-há sofrer como me fez a mim

Abril de 1915.

ETSIRT.



Balada da Saudade

Já partiu o sol: a brisa ciciando
Tráz-me aos meus ouvidos um va-
runt
'Scuto: é um lamento — uma canção
d'amor-
E' um brado de alma dum alma ch-
rand

E' noite: a canção lá prepassa ecoando
Por entre as arcâneas entoando a
Quem será? Quem és tu triste trovador
Que andas pelas trevas mágoas esp-
lhando

Vai romper a aurora cheia de belezas
Mas essa balada triste da tristeza,
Inda se ouve ao longe, além, na so-
da

Quem será? — Ai! é a minh'alma ar-
bul-
Que anda vagando a cantar des-
ra-
Baladas do sonho e canções de sa-
da

1915.

ROLANDO.

